
A MULHER

NA ÉTICA RELIGIOSA

ALLYNE CHAVEIRO FARINHA*

Resumo: *a religião cristã católica historicamente situou a mulher em um segundo plano, vista como tentadora e fonte de pecado, as figuras femininas da Igreja Católica, geralmente são representadas como submissas à vontade masculina, Santas quando foram obedientes ou Bruxas quando transgridem as regras. Embora a mulher tenha ampliado a sua atuação na sociedade, na religião cristã católica ainda não lhe é permitido desempenhar as mesmas funções do homem durante o rito religioso não podendo dirigi-lo. Nesta perspectiva tenciona-se neste trabalho realizar um esboço da representação feminina na religião.*

Palavras-chave: *mulher, religião, demonização*

Deusa, Feiticeira, Santa e Benzedeira, várias são as denominações que foram dadas à mulher no campo religioso. Entretanto ao se observar as representações femininas nas religiões de cunho patriarcal percebe-se que o papel da mulher tem sido relegado a uma posição secundária, não desempenhando as mesmas funções do homem dentro do rito e na hierarquia religiosa.

Um exemplo disso é o Catolicismo em que mulher sempre apareceu como coadjuvante dos ritos religiosos, porém nas manifestações populares percebe-se sua presença mais forte, geralmente ligada as práticas mágicas. Sabe-se que no período medieval, em que a Igreja estruturou-se e formou-se como grande possuidora da verdade divina, o envolvimento feminino com as práticas mágicas foi feroz-

mente combatido, e estas consideradas bruxas seguidoras do demônio.

Embora não haja mais mulheres queimando na fogueira e estas cada dia conquistem mais espaço na sociedade, ao que se parece a religião cristã católica pouco se alterou em seu campo de atuação, e, apesar de alguns avanços, a posição feminina ainda parece longe de conquistar uma posição de destaque dentro dessa Instituição.

A MULHER NAS RELIGIÕES MATRIARCAIS

Nas sociedades caçadoras-coletoras, as mulheres tinham um papel central, em muitos casos, sendo vistas como sagradas graças a sua capacidade de conceber a vida e ajudar na fertilidade da terra e dos animais. Isso porque o homem não conhecia sua contribuição na procriação imaginando, não raramente, que as mulheres engravidavam dos deuses. Muraro (1993), afirma que estes se sentiam marginalizados e tinham inveja do útero feminino¹.

Nestas sociedades a força física não era uma necessidade. Desta forma a mulher possuía um lugar central somente nas sociedades em que existia a coleta e a caça de pequenos animais, e a partir do momento em que esta (a caça) se tornava escassa instaurou-se a supremacia masculina, visto que antes masculino e feminino governavam o mundo harmoniosamente.

No neolítico o homem já dominava sua função biológica reprodutora, sendo a harmonia quebrada definitivamente, a figura do herói passa a ser mais valorizada, o homem passava a dominar também a sexualidade feminina, e a mulher fica reduzida ao âmbito privado sem poder de decisão no âmbito público.

Nesta perspectiva, houve uma passagem da cultura matricêntrica para uma cultura patriarcal, o que pode ser observado em uma análise na produção mitológica dessas sociedades. O mitólogo americano Joseph Campbell escritor do livro *The Masks of God: Occidental Mytologic* (apud, KRAMER, 1991) dividiu em quatro grupos os mitos conhecidos da criação, correspondendo estes grupos às etapas cronológicas da história humana. Na primeira etapa, o mundo seria criado por uma deusa mãe sem auxílio de ninguém, na segunda etapa este seria criado por um deus andrógeno ou um casal criador; já na terceira um deus macho toma o poder de uma deusa

ou cria o mundo sobre o corpo da deusa primordial, e na quarta, por fim, um deus macho criaria o mundo sozinho, sem intervenção feminina, o que representaria a passagem para o patriarcalismo. O mito cristão representa bem essa passagem, em que Javé um – deus único centralizador – cria o mundo sozinho e dita regras que devem ser cumpridas sob pena de punição, diferentemente das representações das divindades femininas que são em sua maioria permissivas e não coercitivas. Há ainda no mito cristão uma desvalorização do ato de parir, o homem é quem dá à luz a primeira mulher que é retirada de suas costelas. A grandeza, neste caso, passa a ser do homem, que trabalha e domina a natureza, sendo que a mulher, retirada de suas costelas, jamais poderia ser reta. Embora deus seja considerado um ser assexuado, este foi historicamente e psicologicamente identificado com uma figura masculina, portanto as religiões monoteístas como o cristianismo, islamismo e judaísmo se desenvolveram dando prioridade ao masculino. Não obstante, não é um consenso que realmente tenham existido as sociedades matriarcais, mas sim que as mulheres foram as primeiras a descobrirem os ciclos da natureza, especialmente pelo fato de que podiam compará-los com o ciclo do próprio corpo.

Entretanto, em setembro de 2008² durante as escavações numa gruta de Hohle Fels, perto da localidade de Scheklingen, no estado alemão de Baden-Württemberg, foi encontrada pelo arqueólogo Nicholas Conard, da Universidade de Tübingen (Alemanha), a chamada Vênus de Hohle Fels que deixa esperançosos os que acreditam na existência de cultura matriarcal, uma vez que essa escultura feita de marfim de mamute é datada de aproximadamente 40.000 mil anos, e comparada com a Vênus de Willendorf, descoberta na Áustria, em 1908, com aproximadamente 28 mil anos, possuindo proporções dos caracteres sexuais femininos ainda mais exageradas, denotando uma clara referência a fertilidade feminina e sua importância para as sociedades que as produziram.

A DIABOLIZAÇÃO DA MULHER

A figura da mulher é aliada ao mal desde a Antiguidade, e esta ligação tem sua origem tanto no pensamento grego³ e latino, quanto na Bíblia. Desde a mitologia grega a mulher já é representada com

uma identidade negativa, como pode-se observar no mito de Pandora, a primeira mulher que foi utilizada como instrumento da vingança de Zeus: “*Um mal em que todos se deleitarão em rodear de amor para a sua própria desgraça. E estourou de rir*” (DELEMAU, Jean. Apud Nogueira, 1991). Pandora havia sido dada a Epimeteu, abriu uma caixa a ela confiada por Zeus, levada pela curiosidade, desta saíram desgraças e calamidades para os homens que viviam tranquilos e felizes até então.

A curiosidade presente no mito de Pandora também é perceptível em um mito africano que explica como Deus se afastou de seus filhos, consequência da curiosidade da mulher:

Outrora, nos tempos mais recuados, Deus habitava entre os homens e conversava com eles. Mas tinha-lhes proibido, sob pena de atrair desgraças, de jamais procurar vê-lo. Uma moça tinha por tarefa depositar todas as noites água e lenha na entrada da cabana circular onde Deus habitava. Uma noite sucumbiu ao desejo que ardia dentro dela: resolveu espiar seu pai Divino para vê-lo. [...] Mas Deus soube da desobediência de sua filha. Na noite seguinte para punir os homens retirou-se para sempre. [...] E com Deus desapareceram também a felicidade e a paz; os frutos e a caça e todos os alimentos que antes se ofereciam espontaneamente, tudo se fez mais raro (DELUMEAU, 2003, p. 475).

A narrativa de Gênesis também sublinha a curiosidade feminina que segundo a Bíblia cristã, a primeira mulher⁴, Eva, levada pela curiosidade de conhecer o bem e o mal cai na armadilha da serpente comendo o fruto proibido, e oferece a Adão que também o come, sendo que a partir deste ato rompe-se o elo entre o Deus e o ser humano. O ato de Eva é condenado, uma vez que com o seu erro a humanidade é condenada, pois os seres humanos expulsos do paraíso foram obrigados a viverem do fruto do seu trabalho.

Nogueira (1991) afirma que o cristianismo herdou uma “confluência de tradições misóginas”, que consideravam a mulher um ser frágil e indigno de exercer sua cidadania. Sendo assim, a identidade da mulher foi ligada ao pecado, e no ideário demoníaco, que percorreu toda a Idade Média, foram consideradas vítimas por excelência para o Satã e seus demônios.

O demônio que aterrorizava os homens era um profundo conhecedor das fraquezas femininas, principalmente no que se refere à sexualidade. Neste ponto, pode-se identificar o que Bourdieu (2007) chama de *efeito de consagração* (criação de realidades transcendentais a partir da realidade temporal e de realidades temporais a partir da transcendental criada), na percepção de que as mulheres que tinham um papel reduzido no âmbito público da sociedade tiveram o mesmo destino nas religiões que se valeram de explicações mitológicas para justificarem o papel secundário destinado a elas no âmbito religioso. “Desta maneira, o cristianismo adicionou, sistematizou e racionalizou todo um misoginismo recebido da Antiguidade” (NOGUEIRA, 1991, p.16).

Para alguns teólogos, Eva não teria sido feita a imagem e semelhança de Deus, porém a partir de Adão o que a tornaria apenas uma projeção da criação divina, fato que para eles caracterizava a inferioridade natural das mulheres. Thomas de Aquino (*apud* NOGUEIRA, 1991), em sua *Suma Teológica*, afirma que “a mulher foi criada ainda mais imperfeitamente que o homem, mesmo na sua alma (...). Na geração o papel positivo é do homem, a mulher sendo apenas um receptáculo. Verdadeiramente não há outro sexo que não o masculino. A mulher é um macho deficiente.” Além da inferioridade natural em que era considerada a mulher esta foi aliada a toda a malignidade humana chegando ao ponto de ser considerada o próprio demônio. Instaura-se, a partir daí, o medo ao demônio e o medo das mulheres que deviam ser vigiadas e controladas para não praticarem atos maléficos. Thomas Mürner, pregador do século XVI escreveu: “a mulher é um diabo doméstico. É comumente, infiel, viciosa, fútil e namoradeira” (*apud* NOGUEIRA, 1991). A partir de então, a mulher passou a ser aliada ao pecado. São Jerônimo, um polemista do século IV, afirma no tratado *Adversus Iovinianum* que as mulheres são as sedutoras das almas puras dos homens, pendendo naturalmente para o prazer e não para a virtude.

Se, por um lado o pecado veio ao mundo pelas mãos de uma mulher, a redenção, segundo a igreja cristã católica, também o foi: Maria, a mãe de Jesus Cristo, a “nova Eva”. A projeção de Maria no cristianismo foi lenta, entretanto já no século XI ela ganha popularidade semelhante a de Cristo (MACEDO, 2002, p. 70). Os relatos de

milagres marianos registrados após o século XII, já apresentam claramente um aspecto moralizante, principalmente naqueles que apresentam mulheres, mostrando que os ideais de perfeição têm suas raízes na virgindade e na castidade. Nesta perspectiva, Maria sintetiza os valores cristãos de pureza, virgindade, maternidade e obediência que devem ser observados pelas mulheres.

O incentivo ao culto mariano só irá acentuar a desqualificação feminina, na medida em que exalta a figura de uma mulher que é considerada grandiosa, por ter sua sexualidade esvaziada e sua identidade ligada a maternidade. O ideal de Maria, em sua Santidade, é a maternidade imaculada, logo a mulher teria no ideal de Maria a possibilidade de salvar-se da culpa de gerar filhos em pecado.

A MULHER E O CORPO

De acordo com Weber (2001), nas religiões animistas e mágicas havia uma conexão entre a sexualidade e rituais religiosos, em muitos rituais mágicos a orgia sexual era integrante do culto, porém na religiosidade ética surge um abismo entre religião e a sexualidade. A religiosidade ética passou a restringir a sexualidade, como o único meio de se praticar sexo sem pecar.

Durante a Idade Média, segundo os padrões da Igreja Católica, tudo que estivesse relacionado com o corpo deveria ser controlado, o prazer era visto como um impedimento de se elevar até Deus. A mulher, que era vista como sagrada pela sua capacidade fértil, passa a ser, pela mesma característica, causadora de todos os males a humanidade, sendo agora definida por sua sexualidade que deveria ser normatizada.

Segundo Muchembled (2001), em todos os ramos do conhecimento operou-se uma redefinição da natureza feminina, reforçando a necessidade de controle do ser imperfeito. Os médicos viam na mulher uma criatura inacabada, movida apenas pelo movimento de seu útero, trazendo em si ao mesmo tempo o poder da vida e o poder da morte. A visão médica se combinava com a visão religiosa produzindo uma concepção de feminilidade.

O médico flamengo *Levinus Lemnius*, no século XVI construiu sua visão da natureza humana no estabelecimento de contrapontos entre ho-

mens e mulheres. Adepto da “teoria dos humores” afirmava que o homem cheira naturalmente bem enquanto a mulher exala um perfume natural pouco agradável, este odor era característico da frieza e umidade da mulher, além de infectar coisas puras por causa de seus mênstruos. Embora a mulher possa se perfumar para retirar o mau-cheiro, este só servia para atizar o desejo sexual, portanto um instrumento do maligno. O abade Drouet de Maupertuis confirmava: “O diabo não tem via mais segura para perder os homens do que entregá-los às mulheres” (FARGETTE, [1990], p. 61-3).

A mulher representava o lado sombrio da obra do Criador, ligada ao pecado da luxúria, os teólogos afirmavam que este pecado praticavam desavergonhadamente, considerada tentadora do homem, ameaçadora de sua pureza. A mulher provocaria o desejo que o destrói e o leva a danação eterna. Macedo (2002, p. 69) cita a historiadora italiana Chiara Frugoni que afirma:

A mensagem que a Igreja passa aos fieis e que alimenta o seu imaginário é de uma profunda diversidade no tratamento dos homens e das mulheres: Os primeiros são pecadores devido ao uso excessivo de suas capacidades e iniciativas, ou por serem incapazes de controlar impulsos e sentimentos; as outras, pelo contrario, não devem empenhar-se em nada, porque o seu corpo já as transporta inexoravelmente para a transgressão; não são um sujeito pecador, mas uma modo de pecar, oferecido ao homem.

A própria representação do corpo feminino como mal-cheiroso ou como fonte de morte pode ser percebido como uma tentativa de fuga do corpo feminino, principalmente seu corpo nu que provocava o desejo sexual, o desejo desenfreado em que o homem se iguala ao animal. O demonólogo Henri Boguet afirma que do corpo feminino emana uma poderosa sensualidade ao despertar o poder carnal. O diabo que bem o sabe, “aproveita-se dessa característica para buscar unir-se a ela” (FARGETTE, [1990], p. 61-3).

Para escapar das ciladas provocadas pelas mulheres, alguns homens recorreram à castração, como os homens membros da seita dos valesianos, que se castravam para garantir a salvação. Os valesianos visavam ainda trabalhar pela salvação, por isso, como muitos homens se negavam à castração começaram a aramar emboscadas para salvar a alma

destes homens através da castração. A seita foi condenada pela Igreja e sobreviveu por pouco tempo por falta de adeptos.

Segundo Le Goff (apud MACEDO, 2002, p. 68) na Idade Média permanecia a idéia que o “invólucro carnal era prisão da alma”, o prazer manteria o espírito prisioneiro do corpo e as mulheres eram consideradas inferiores devido a sua fraqueza aos “perigos da carne”. Tal mulher era vista como a inspiradora do desejo que destrói o homem, levando-o a pecar e romper seu elo com Deus.

Nos padrões de conduta da Igreja Católica tudo que estivesse relacionado com o corpo deveria ser tratado com desconfiança, ainda mais quando se tratasse de suas capacidades sexuais que trariam a perdição. No pensamento cristão existia a idéia de que: “desde Eva até as bruxas o corpo era lugar de eleição do diabo” (MACEDO, 2002, p. 68). E no século III, Tertuliano, afirmava: “*Tu és a porta do diabo, tu consentistes na sua árvore, fostes a primeira a desertar da lei divina*” (idem).

A MULHER E AS HERESIAS

Para Macedo (2002), as heresias coexistiram durante toda a Idade Média, e várias mulheres foram atraídas por estas heresias. Duas são as hipóteses para explicar essa atração: a primeira seria a possibilidade de se escapar de casamentos arranjados, e a segunda a possibilidade que os movimentos heréticos ofereciam às mulheres participação ativa no ministério e pregação. No catarismo, por exemplo, as mulheres poderiam tornar-se “perfeitas” podendo prestar os mesmos serviços espirituais que os homens. Igualmente os valdenses – de Pedro Valdo, em Lyon, na França – em que as mulheres possuíam amplo direito de pregação.

A repressão às heresias chegou ao seu ápice com relação às mulheres com a “caça as bruxas”, e que ocorre a partir do século XVI. Esta acompanha uma mudança de mentalidade com relação à magia, feitiçaria e bruxaria, práticas antes ridicularizadas e ironizadas pela Igreja, consideradas como superstição. Todavia, segundo Macedo (2002) devido a crises políticas na Igreja nos séculos XIV e XV, essas práticas passam a preocupar. Paralelamente crises sociais e econômicas mudaram a visão de Deus e do diabo.

O medo infiltra-se na sociedade medieval que passa a encarar o diabo não como o inimigo vencido, mas sim um ser que se infiltrava no cotidiano dos homens hostil e impiedoso capaz de realizar maiores atrocidades para o seu prazer. O diabo podia ainda usar as pessoas para cometer o mal. Por isso, acometidos pelo medo os homens procuram identificar quem pudesse auxiliar o demônio. Assim, como a mulher era considerada fraca frente às tentações demoníacas, ela se torna o foco principal de vítima passa a ser cúmplice do demônio.

Por isso, mesmo sendo subjugadas pelos homens também geravam temor, os homens temiam que se traíssem suas esposas, estas lhe ofereceriam porções mágicas que lhe causariam impotência. Delumeau (1989) em sua obra a *História do medo no Ocidente* considera que o medo das mulheres estava relacionado com sua ligação com a natureza, a mulher era considerada conhecedora de seus segredos, por isso a ela foi creditado o poder de curar ou prejudicar o homem por meio de misteriosas receitas.

Deste conhecimento dos segredos da natureza construiu-se a imagem das feiticeiras⁵ como responsáveis das desventuras causadas aos homens, antes vistas como vítimas do Diabo, passaram a ser consideradas servas capazes das maiores atrocidades a serviço do maligno. Na antiguidade clássica a feiticeira sua atividade era basicamente a fabricação de poções e na manipulação de substâncias destinados à confecção de venenos, perfumes e encantamentos, entretanto para o cristianismo o principal problema das feiticeiras era o poder de sedução, que levavam o homem ao pecado.

A figura da feiticeira é ligada ao culto satânico e a depravação sexual e desta ligação nasce à imagem da Bruxa que segundo Nogueira (1991) configura-se como a maior construção do discurso misógino feito pelo cristianismo, a Bruxa seria a expressão máxima do mal, uma vez que comete o pecado hediondo de renegar à Cristo, por isso vão ser duramente perseguidas.

No fim do século XV e no começo do XVI, houveram milhares de execuções, não somente realizadas pela Inquisição Católica, mas igualmente os tribunais protestantes que perseguiram bruxas, com destaque para os anglicanos de Salém, nos Estados Unidos.

Em 1486, foi escrito por Sprenger e Krames, dois inquisidores alemães, o *Malleus Malleficarum*, livro em que demonstram o poder das bru-

xas, como identificá-las e combatê-las. Os sinais de identificação das bruxas colocavam qualquer pessoa sobre suspeita, principalmente as mulheres ligadas com práticas de curas populares, como benzedoras, parteiras e curandeiras, ou seja, aquelas que detinham seu saber próprio que era transmitido de geração a geração.

Uma das abominações é o hábito de certas bruxas que vai contra o instinto da natureza humana, e até mesmo contra o instinto da natureza de todas as feras, com a possível exceção dos lobos - de devorarem, como canibais, os recém-nascidos. O inquisidor da cidade de Como, a propósito, nos conta: foi intimado pelos habitantes do condado de Barby a conduzir um processo inquisitório por causa de um homem que, vendo ter desaparecido seu filho do berço, saiu a procurá-lo. Acabou por encontrá-lo num congresso de mulheres durante a noite, no qual, segundo declarou em juramento, as viu matarem-no, para depois beberem-lhe o sangue e devorarem-no (KRAMER; SPRENGER, 1991, p.155).

Nogueira (1991) cita Robert Munchembled que considera a existência de uma relação entre a caça às Bruxas e a vontade de extirpar os erros e superstições das comunidades rurais, pois “as mulheres representavam no meio rural o equivalente a juízes em suas próprias comunidades, eram encarregadas da educação dos filhos, educação considerada ilícita aos olhos da ortodoxia” (NOGUEIRA, 1991, p. 21). Além disso, essas mulheres começaram a representar uma ameaça ao poder do médico, pois formavam comunidades ou confrarias em que eram trocados entre si segredos da cura do corpo, e esta profissão começava a se formar nas universidades.

Segundo Muraro, tanto a religião católica quanto a protestante contribuíram de maneira decisiva para a centralização do poder, principalmente através da Inquisição, punindo qualquer um transgredisse as regras. Quando cessaram a caça as bruxas, ocorreu uma grande transformação da condição feminina, como a normatização da sexualidade, e, principalmente, o saber feminino caiu na clandestinidade, ou foi de alguma forma, assimilado pelo poder médico masculino. As mulheres passaram então a transmitir os valores patriarcais aos seus filhos voluntariamente.

A MULHER E O EXERCÍCIO RELIGIOSO

Percorrendo a história analisando a representação da mulher na religião percebe-se que da sacralidade do culto das sociedades caçadoras-coletoras, pouco restou, uma vez que as mulheres passaram a ser relegadas a um segundo plano nos cultos religiosos, não podendo desempenhar as funções sacerdotais nas religiões monoteístas.

Na Roma antiga as mulheres eram consideradas como naturalmente inferiores e, portanto, deveriam ser excluídas das funções públicas e administrativas, e isso incluía também o exercício religioso. Em Bizâncio, por exemplo, a mulher não podia exercer os ofícios religiosos e nem mesmo falar em lugares de culto, pelo contrário, deveria permanecer reclusa ao ambiente doméstico. Já entre os eslavos a mulher possuía certa liberdade, ao menos no que tange a relação conjugal, entretanto com a chegada dos missionários cristãos essa realidade se modificou e a mulher foi restringida ao âmbito privado.

Weber afirma que a admissão de mulheres com participação mais ativa ou passiva depende do grau de pacificação da sociedade; onde domina uma educação militar a mulher é religiosamente inferior.

Por toda parte onde domina ou dominou uma educação militar ascética, com o seu “renascimento” do herói, a mulher é considerada carente de uma alma superior, heróica, por isso, religiosamente desclassificada. É o que ocorre na maioria das comunidades de culto nobre ou especificadamente militares. (WEBER, 2001, p.334)

Weber salienta ainda que a existência de sacerdotisas, a veneração de adivinhas ou feiticeiras não significa uma equiparação das mulheres no culto, e mesmo que haja uma igualdade entre homens e mulheres na relação com o divino, essa igualdade pode ser combinada com uma monopolização dos homens na função sacerdotal, como ocorre no cristianismo.

Nota-se ainda nas concepções Weberianas que a rotinização do carisma também acaba por excluir a participação ativa das mulheres no culto religioso, a partir da admissão de uma hierarquia religiosa a mulher passa a ser considerada religiosamente inferior. Somente os homens foram considerados qualificados para exercerem a fun-

ção de sacerdote e de intervirem nos assuntos religiosos, embora o cristianismo primitivo tenha retirado sua força de propaganda através da admissão e equiparação de mulheres, em sua regulamentação perde esse caráter.

A grande suscetibilidade das mulheres para toda profecia religiosa não exclusivamente orientada por idéias militares ou políticas destaca-se claramente nas relações livres de preconceitos de quase todos os profetas, tanto de Buda quanto de Cristo ou Pitágoras. Mas dificilmente esta se conserva além daquela primeira época da congregação, na qual os carismas baseados na inspiração sagrada são apreciados como características de uma elevação religiosa específica. Em seguida, com a cotidianização e regulamentação das relações congregacionais, tomam-se sempre atitudes contra os fenômenos inspiracionais, considerados contrários à ordem e mórbidos nas mulheres (WEBER, 2001, p. 333).

A explicação dada pelo Cristianismo figurava na ligação da mulher com a sexualidade a afastaria da possibilidade do exercício de lideranças religiosas, sendo naturalmente fracas à tentação do demônio, afinal foi pela fraqueza de Eva que o pecado entrou no mundo. Santo Agostinho afirmava que o corpo da mulher era “um obstáculo permanente ao exercício da razão” (apud NOGUEIRA, 1991, p. 16). Nesta perspectiva, o ser humano possuía uma alma assexuada e um corpo sexuado, no homem o corpo refletiria a alma, o mesmo não ocorria com a mulher, pois o homem era considerado a imagem e semelhança de Deus (*Imago*), mas a mulher apenas a semelhança (*Similitudo*) o que comprovaria sua inferioridade (MACEDO, 2002, p. 66).

Há uma tendência entre os menos privilegiados á admissão de mulheres com uma participação mais ativa nos cultos, geralmente aliada a sua capacidade de controle dos poderes mágicos. Os camponeses, por exemplo, raramente foram portadores de uma religiosidade não mágica. A visão do camponês grato a Deus é uma construção moderna feita principalmente pelo cristianismo, entretanto observa-se a sobrevivência de saberes populares imersos na doutrina da Igreja cristã católica que, mesmo após o expurgo feito pela inquisição, não conseguiu retirar do cotidiano de seus fiéis práti-

cas mágicas, as quais ainda possuem uma participação ativa das mulheres, como pode ser notado nas práticas de “benzeção” ou benzedura.

Essa prática tem grande participação das mulheres e não só comum, mas tradicionalmente aceita por ampla parte dos fiéis católicos. Não obstante, nas determinações do catecismo da Igreja, a benção somente é dada pelos representantes sagrados da Igreja – os sacerdotes – e áurea mágica e supersticiosa da benzedura é considerada um pecado. Essa realidade leva as mulheres benzedoras a atuarem na clandestinidade, embora participantes da Igreja Católica tradicional em suas casas realizam suas orações “conjugando a força das rezas, o segredo das ervas e os gestos de conjuração” (PIERUCCI, 2001, p. 27).

Observa-se nas Igrejas Católicas que apesar de uma maior participação feminina e um discurso de igualdade, muito ainda permanece da cultura patriarcal. A maioria das Igrejas tradicionais acredita que apenas o uso de uma linguagem inclusiva proporciona uma maior inclusão das mulheres no cristianismo, no entanto estas ainda não são consideradas aptas a dirigirem os cultos religiosos católicos.

Por outro lado nas Igrejas protestantes, há um grande aumento de mulheres nos cargos de liderança, porém não se pode afirmar que existe uma igualdade. A revista *Época* do ano de 2004 trouxe uma matéria sobre um grande aumento de mulheres que assumem postos como sacerdotisas e pregadoras em várias correntes religiosas, mas a mesma revista, no mesmo ano, trouxe em outra edição uma reportagem sobre uma pastora negra que teria sido expulsa de sua Igreja sob a acusação de bruxaria (BRUM, 2009, p. 92-93). Isso denota a realidade da participação feminina nas Igrejas que não se dá sem restrições e preconceitos.

No que se refere, as benzedoras nota-se que estas tentam resistir no interior da Igreja rearrumando muitas vezes seus ritos para adequarem-se aos novos padrões, especialmente como o advento da Renovação Carismática que aporta no Brasil na década de 70, e tem agido incisivamente no combate das manifestações da religiosidade popular, através da negatização ou demonização.

Portanto, pode-se perceber que a representação feminina na religião se constitui como perpetuadora da realidade vivida cotidianamente pelas mulheres, porém isso não se dá sem resistências uma vez que

as mulheres apresentam uma postura ativa e a cada dia conquistam mais espaço seja por meio da religião tradicional ou através da religiosidade popular, como acontece com as benzedeiras, pois embora existam também benzedores, seu relacionamento com a comunidade em que atua faz com que se construam identidades diferenciadas. Conforme Pereira e Gomes (2002), a mulher benzedeira acaba por abrir fissuras na sociedade patriarcal ao falar em um campo majoritariamente masculino.

Notas

- ¹ A inveja que os homens sentiam do útero gerou dois ritos: o couvade e a iniciação masculina. No couvade o homem assume o lugar da parturiente, ou seja, é ele que fica de resguardo após o parto. Nas tribos indígenas é comum encontrar ritos como este. Entre os Tupinambás, acreditava-se que a mulher fosse apenas um saco para depósito da criança que na verdade era retirada do “lombo do pai”, este deveria guardar o repouso até que o cordão umbilical caísse. A iniciação masculina, também comum entre as tribos indígenas, realiza-se através da separação dos meninos, que chegam à puberdade, das mulheres, restritos a um ambiente exclusivamente masculino tendo o corpo pintado e passando por diversas provas que ao final o levarão a maturidade, e tornando-se, a partir disso, um homem.
- ² Cf. Bonalume Neto. Disponível em: <http://www.1folha.uol.com.br/folha/ciencia>. Acesso em: ago. 2009.
- ³ Platão considerava que a mulher seria a reencarnação de um homem que em sua vida tivera sido inconseqüente. Como castigo, voltaria à vida como uma mulher. Já Aristóteles afirmava que as mulheres assim como os escravos deveriam viver pra servir.
- ⁴ Reza uma tradição hebraica que a primeira mulher teria sido Lilith, criada da mesma forma que Adão e não de sua costela. Segundo o mito, Lilith se recusou a ficar “debaixo” de Adão e fugiu do paraíso. Deus enviou, então, anjos para buscá-la, entretanto ela se recusou a voltar. Eva, segunda mulher criada por Deus, teria sido feita a partir da costela de Adão para que fosse submissa a ele, enquanto Lilith se tornou esposa do demônio, sendo que na cultura popular é responsável pela morte de recém-nascidos e possuidora dos homens durante a noite (FARGETTE, [1990], v. 12, p. 61-3).
- ⁵ Na cosmogonia yorubana, toda mulher é Ajé (feiticeira) porque as Iyámi controlam o sangue das regras das mulheres. No entanto, a Ajé não é como a feiticeira medieval, ou seja, não é a personificação do mal, ela representa os poderes

místicos da mulher em seu aspecto mais perigoso e destrutivo. (Ulli Beir, Gelede Masks, Odo, nº6, Ibadan, 1956, apud Igbadu, a cabaça da existência).

Referências

- BONALUME NETO, Ricardo. *Vênus peituda pode ser a primeira figura Humana*. 14 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.1folha.uol.com.br/folha/ciência>. Acesso em: ago. de 2009
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRUM, Eliane. Inquisição Moderna. *Época*. v. 07, p.92-93, 2009.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- FARGETTE, Séverine. Eva, Lilith, Pandora: O mal da sedução. *História Viva*. Ano: 06. Vol: 12, p. 61-63.
- KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1991.
- MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma História do Diabo: séculos XII – XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica. In: *Malleus Maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. As Companheiras de Satã: o processo de diabolização da mulher. *Espacio, Tiempo y Forma*; 1991, série IV, t.IV, p. 9-24.
- OXALÁ, Adilson. *Igbadu: A cabaça da Existência*. Rio de Janeiro, 2006, mimeo.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *Flor do não esquecimento: Cultura popular e processo de transformação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PIERUCCI, Flávio. *A Magia*. São Paulo: Publifolha, 2001

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: UnB. 2001. v. I

Abstract: the Christian Catholic religion historically placed the woman in the background, seen as tempting and source of sin, the female figures of the Catholic Church, are generally depicted as submissive to the will masculine, Santos Halloween when they were obedient or when they have transgressed the rules. Although women have expanded their presence in society, the Christian Catholic religion still is not allowed to perform the same functions of man during the ritual can not drive it. In this perspective, this work intends to make a sketch of the representation of women in religion.

Keywords: women, religion and demonization

Recebido em 2 de junho de 2010.

Aprovado em 29 de junho de 2010.

* Mestranda na Universidade Federal de Goiás. Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás. E-mail: allyne_ch@hotmail.com